

Lição 10: A diferença entre geração e alteração

73. Após mostrar por que existe uma certa geração absoluta e uma certa geração qualificada, o Filósofo investiga aqui a diferença entre geração e alteração.

Primeiro, ele declara sua intenção [71] e diz que devemos discutir geração e alteração e indicar como diferem, pois afirmamos acima que esses são tipos diferentes de mudança;

Em segundo lugar, ele executa sua intenção, a partir de 74. Primeiro, ele mostra a diferença entre geração e alteração com respeito àquilo segundo o qual ambas são mudanças; Em segundo lugar, com respeito ao sujeito de cada uma, a partir de 79.

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, mostra a diferença entre geração e alteração; Em segundo lugar, remove uma dificuldade, a partir de 77.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, mostra em que coisas ocorre a alteração; Em segundo lugar, em que coisas ocorre a geração, a partir de 75.

74. Com respeito ao primeiro [72], ele supõe duas coisas. A primeira é que o sujeito é uma coisa e a paixão, que é apta a ser dita de um sujeito, é outra, assim como no caso da substância e do acidente. A segunda é que a mudança ocorre em ambos; pois às vezes a mudança está na própria substância do sujeito e às vezes nos acidentes.

Com essas suposições em mente, ele diz que há alteração quando o mesmo sujeito perceptível permanece, i.e., quando, sem que tenha ocorrido mudança na substância, ocorre uma mudança em suas paixões, i.e., em suas qualidades. E não faz diferença se a mudança envolve extremos contrários ou intermediários — por exemplo, se é de branco para preto ou de vermelho para pálido. Ele dá dois exemplos: o primeiro é quando o corpo de um animal, permanecendo o mesmo, está primeiro saudável e depois doente; o segundo é quando o bronze ou algum outro metal, permanecendo o mesmo, é ora redondo e ora angular, ou possuindo ângulos.

E deve-se notar que o primeiro desses exemplos pertence à primeira espécie de qualidade e o segundo exemplo à quarta espécie. No entanto, o Filósofo provou na Física VII que não há movimento de alteração na primeira e na quarta espécie de qualidade, mas apenas na terceira, que é chamada de "paixão ou qualidade passível" — razão pela qual ele talvez tenha dito, propositalmente, que a alteração é uma mudança nas "paixões".

Mas deve-se dizer que a alteração é primária e per se nas qualidades da terceira espécie, por meio das quais a alteração ocorre subsequentemente também nas outras espécies. Por exemplo, em

razão de alguma mudança na esfera do quente e do frio, um homem é alterado de saudável para doente, ou vice-versa; e por meio de uma mudança na esfera do mole e do duro, um corpo é levado a alguma forma.

75. Em seguida [73], ele mostra quando ocorre a geração. Sobre isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele expõe quando ocorre a geração; Segundo, quando ocorre a geração por excelência, no §76.

Ele diz, portanto, inicialmente [73] que quando uma mudança afeta não apenas as paixões, mas a substância inteira de uma coisa, na medida em que a matéria adquire outra forma substancial, de modo que nada perceptível permanece como se o ser em ato fosse o mesmo sujeito quanto ao número — por exemplo, quando a partir da semente inteira é gerado o que é inteiramente sangue, ou quando a partir do que é inteiramente ar é gerado o que é inteiramente água, sem que ajuntamentos ou separações desempenhem qualquer papel, como Demócrito postulava — tal mudança é a geração de uma coisa e a corrupção de outra.

76. Em seguida [74] ele explica quando ocorre a geração no mais alto grau. E diz que, de acordo com o terceiro modo mencionado acima, que é tomado segundo a opinião de muitos, sobretudo se diz que algo é gerado quando a mudança procede de algo não facilmente perceptível para algo claramente perceptível, seja ao tato, que, entre os sentidos, é mais grosseiro e material (por isso, entre o povo, é sobretudo segundo este sentido que algo é julgado como perceptível — na medida em que pode ser sentido), seja aos outros sentidos — como, quando a água é gerada a partir do ar, parece, segundo esta perspectiva, haver geração absoluta, ou quando a água é corrompida em ar, parece haver corrupção absoluta. Pois o ar é apenas ligeiramente perceptível, tanto por ser tão rarefeito quanto por não ter uma qualidade ativa excelsa, mas apenas uma passiva, a saber, a umidade; enquanto no fogo, que é mais rarefeito que o ar, uma qualidade ativa, o calor, realmente excelsa. Mas a água é mais densa que o ar e nela excelsa uma qualidade ativa, a frialdade; a terra, finalmente, é o mais denso de todos os elementos.

77. Então [75] ele remove uma dificuldade. Pois como havia dito que o sujeito permanece quando uma mudança ocorreu com respeito às suas paixões, alguém poderia acreditar que, no caso de tudo com respeito ao qual algo é mudado enquanto algo outro permanece, aquilo que é mudado é uma paixão daquilo que permanece.

Mas ele exclui isso quando diz que, nos corpos que são mutuamente mudados um a partir do outro, às vezes permanece alguma mesma e única paixão na coisa gerada e na coisa corrompida, como quando a partir do ar se produz água — pois ambos são "diafânicos", i.e., transparentes, ou frios (embora o ar não seja frio por natureza, mas acidentalmente); contudo, isso não significa que a outra coisa, na qual a mudança ocorre, a saber, o ar ou a água, seja uma paixão daquilo que permanece, a saber, o transparente ou o frio. Se o que agora dizemos não fosse assim, seguir-se-ia que, quando a água vem a ser a partir do ar, seria alteração; pois sempre vemos que, quando aquilo que é mudado é uma paixão do que permanece, temos alteração, mas quando aquilo que é mudado não é uma paixão do que permanece, é geração.

Ele mostra isso por meio de um exemplo. Dizemos que o "homem musical" foi corrompido quando o homem perde o hábito da música, momento em que o "homem não musical", i.e., o homem tendo a privação da música, é gerado. A razão para isso é que a música não é uma paixão do "homem musical", já que é de sua noção; da mesma forma, o não musical é da noção do "homem não musical". Logo, o homem musical não permanece; mas o mesmo homem numérico permanece. Portanto, se a música e a "falta de música" não fossem paixões "disso", i.e., do homem, mas fossem parte de sua noção, então a mudança do "musical" e "não musical" constituiria a geração de uma coisa e a corrupção de outra. Mas porque isso não é assim, portanto a música e a "falta de música" são paixões do homem. Mas há geração e corrupção do homem musical e não musical; e porque o homem permanece, como é evidente, segue-se que a música é uma paixão daquilo que permanece [a saber, o homem]. Portanto, a alteração ocorre com respeito a "tais", i.e., as paixões das coisas que são permanentes. Se, portanto, a água e o ar fossem paixões do transparente, como de algo permanente, seguir-se-ia que a mudança da água a partir do ar seria alteração.

78. Mas há um problema: se a mesma paixão numérica, que está num dos extremos de um conjunto de contrários, poderia existir no gerado e no corrompido, como foi dito acima. Pois se ela não permanece a mesma, então a transição mútua entre coisas similares não será mais fácil, já que de ambos os lados será necessário remover tudo. Da mesma forma, parece seguir-se que o semelhante é destruído pelo semelhante, pois o gerador destrói aquilo que antes estava presente. Mas se supomos que a mesma paixão numérica permanece, segue-se que, mesmo que aquilo que era anterior, a saber, o sujeito, tenha sido removido, aquilo que era subsequente, a saber, a paixão, permanece. Além disso, o mesmo acidente numérico estaria em dois sujeitos.

Deve-se responder, portanto, que a mesma paixão numérica não permanece, mas que o que existia anteriormente é corrompido *per accidens* com a corrupção do sujeito, quando a forma que era o princípio daquele acidente parte, e que um acidente similar vem, seguindo a forma recém-chegada. E porque, com respeito a este acidente, não houve conflito entre agente e paciente, a mudança foi mais fácil. Nem é inaceitável que o semelhante destrua o semelhante *per accidens*, i.e., por razão de corromper o sujeito ou matéria — esta é a mesma maneira pela qual uma chama maior consome uma menor.

79. Então [76] ele mostra, do lado do sujeito, como a geração difere da alteração e de outras mudanças. Primeiro, ele mostra como todas elas se relacionam ao sujeito que é um ser em ato; Segundo, como se relacionam ao sujeito que é um ser em potência, no §81.

Ele diz, portanto, inicialmente [76] que, como foi dito, a alteração é segundo as paixões de algo que permanece. E esta mesma coisa ocorre em outras mudanças, que ocorrem com respeito a acidentes que sobrevêm a um sujeito existente em ato. Quando, portanto, uma mudança é de contrário a contrário segundo a quantidade — por exemplo, de grande a pequeno, ou vice-versa — temos "crescimento" ou "decréscimo" do mesmo sujeito permanente, pois a quantidade sobrevém a um sujeito existente em ato. Mas quando a mudança é com respeito à contrariedade de lugar — por exemplo, para cima ou para baixo — é "latio", i.e., movimento local, do mesmo corpo permanente, pois o "onde" sobrevém a um corpo existente em ato. Quando a mudança é com respeito a uma contrariedade nas paixões (i.e., primeiramente nas qualidades passíveis, e nas outras qualidades como consequência), temos "alteração" do mesmo ser permanente, porque a

qualidade também sobrevém a um sujeito existente em ato. Mas quando nada permanece existindo em ato, do qual aquilo que é mudado pudesse ser uma paixão ou algum acidente, é universalmente "geração e corrupção", pois a forma substancial, com respeito à qual ocorrem geração e corrupção, não sobrevém a um sujeito existente em ato.

80. Daí é evidente que é falsa a opinião que Avicébron transmitiu no livro *Fonte da Vida*, a saber, que na matéria há uma ordem de formas, no sentido de que a matéria primeira adquire uma forma que a torna uma substância, e depois outra que a torna um corpo, e depois outra que a torna um corpo vivo, e assim por diante. Pois como é uma mesma e única coisa constituir uma substância e fazer um "isto algo", que pertence à substância particular, seguir-se-ia que a primeira forma, que constitui a substância, também a faria um "isto algo", que é um sujeito existente em ato. Consequentemente, as formas subsequentes sobreviriam a um sujeito permanente, e com respeito a elas haveria alteração em vez de geração, segundo a doutrina que Aristóteles aqui transmite.

Portanto, deve-se dizer, como foi dito acima, que as formas substanciais diferem segundo o mais e o menos perfeito. Mas a mais perfeita pode fazer tudo o que a menos perfeita pode fazer, e mais; logo, a forma mais perfeita que torna uma coisa "viva" também pode torná-la "corpo", como faz a forma mais imperfeita do corpo não vivo. Consequentemente, nenhuma forma substancial sobrevém a um sujeito existente em ato, nem pressupõe alguma outra forma comum realmente distinta dela, que seria o objeto da Filosofia Natural, mas apenas uma distinta segundo a razão, e que pertence à consideração da Lógica.

81. Então [77] ele compara todas as mudanças acima mencionadas ao sujeito que é apenas ser em potência. E diz que é sobretudo a "hyle", ou matéria primeira, que é o sujeito próprio da geração e corrupção, porque, como foi dito, ela subjaz imediatamente às formas substanciais, que vêm e vão pela geração e corrupção. Mas em certo sentido, i.e., consequentemente e mediatamente, ela também subjaz a todas as outras mudanças, porque todos os sujeitos das outras mudanças são suscetíveis de certas contrariedades que se reduzem à primeira contrariedade, que é a de forma e privação, cujo sujeito é a matéria primeira, como é dito na *Física* I. E, portanto, todos os outros sujeitos participam em certo sentido da matéria primeira na medida em que são compostos de matéria e forma.

Em resumo [78] ele conclui que tanto, então, foi determinado acerca da geração absoluta, se ela existe ou não, e quais são as condições precisas de sua ocorrência, e de maneira semelhante acerca da alteração.